CANINDÉENSES ILLUSTRES

I

Joaquim José da Cruz Saldanha

Pertence ás fileiras politicas do antigo regimen o homem de que nos vamos occupar, iniciando com o seu nome a presente secção, que visa exhumar do pó do esquecimento diversos vultos proeminentes da Monarchia, neste canto recuado da Patria brasileira.

O nosso objectivo nesta serie de escriptos obedece a duas idéas que reputamos dignas: dar a honra merecida pelo merito e render um preito posthumo áquelles que na trajectoria sinuosa da existencia souberam elevar-se no conceito da sociedade, galgando os degraus da admiração e do respeito publicos, e deixando após o termo da jornada terrena uma lembrança duradoura, uma recordação perpetua de seu prestigio, eternisado no coração popular, a qual se vae transmittindo de geração em geração, sempre cercada dessa fulgente aureola a que fazem jús as almas moldadas no cadinho das virtudes civicas.

O capitão Cruz Saldanha pertence a esse numero. Oriundo de nobre estirpe, representou papel salientissimo no meio da sociedade cearense, vinculando o seu nome á historia politica de sua epocha, da qual foi um dos vultos mais salientes.

Percorrendo um campo tão ouriçado de decepções e desgostos, — esse vulto do nosso passado politico manteve-se sempre envolto no manto real do prestigio

e do merito pessoal que as suas nobres acções lhe crearam, servindo á causa publica como servia á sua propria causa, durante toda uma larga e accidentada vida.

Occupou diversos cargos de responsabilidade, tanto por nomeação como por eleição e soube em todos esses mistéres haver-se de uma maneira edificante, distribuindo justiça com imparcialidade e criterio, harmonisando a complicada mechanica politica daquelles tempos.

Juiz municipal, presidente da Camara, vereador, presidente de mesas eleitoraes,—em todos esses departamentos da vida publica o capitão Cruz Saldanha mostrou-se sempre homem superior.

O governo do Imperio distinguiu-o com uma patente da Guarda Nacional, esquecendo-se, porém, de galardoar com uma decoração os seus relevantes serviços prestados á guerra do Paraguay, para cuja victoria muito concorreu, já animando aos sertanejos para prestarem os seus serviços voluntariamente, já mandando um seu proprio filho, afim de dar um exemplo decisivo de que nenhum brasileiro devia recusar seus serviços, mesmo a propria vida, á desaffronta da patria ultrajada.

Homem de grande capacidade intellectual, militou nas fileiras do partido conservador, destacando-se entre os seus pares, que lhe tributavam respeito e acatamento.

Chefe de partido em Canindé, sua patria natal, Cruz Saldanha foi por longo tempo a guarda avançada da Lei, a garantia da Ordem e do Direito, respeitando o adversario como adversario em todos os terrenos, sem jamais desviar-se da rectilinea do dever.

Coração generoso, aberto aos mais nobres e puros sentimentos, alliado a um caracter adamantino, impunha-se a todos, amigos e adversarios politicos, como a encarnação bronzea da honradez e do dever, elevando o seu humanitarismo christão ás eminencias dum culto, sem interesse, franco a toda a mão que lhe fosse estendida.

Quando as convulsões politicas agitaram as cama-

das sociaes com a subida do partido liberal, em 1864, —elle era como que o anjo da concordia, harmonisando homens e cousas com a força de sua palavra poderosa, tendo muitas vezes, máo grado seu, se empenhado em lutas tremendas, quando dous partidos adversos se degladiavam no campo de combate; soube sempre vencer, evitando prodigiosamente as scenas barbaras que naquelles tempos costumavam enlutar os prélios politicos, graças á sua cordura, prudencia e bôa orientação.

Perseguições, ameaças mesquinhas e tudo quanto o partido contrario ás suas convicções poude lançar mão, no intuito de minar o prestigio do notavel homem, que dia a dia crescia na estima publica, tudo foi baldado : tinha uma missão,—era necessario cumpril-a, a despeito de todos e quaesquer obstaculos.

Foi assim que os liberaes, tendo subido ás culminancias do poder, em 1865, moveram ao capitão Cruz Saldanha odioso processo, usando de pequeninas picardias, que não conseguiram desvial-o da linha de conducta traçada.

A todas essas perseguições, o velho e intemerato canindéense fez frente com altivez e brio, oppondo resistencias extraordinarias aos planos adversarios, repellindo as affrontas sem desrespeitar a lei.

No acceso dessas lutas partidarias, Cruz Saldanha, perseguido e envolvido num processo puramente politico, e com elle amigos dedicados e parentes, apresentou-se um dia no palacio do governo provincial de então, cuja cadeira era occupada pelo egregio jurisconsulto Dr. Lafayette Rodrigues Pereira, que, ouvindo attentamente o respeitavel ancião, fez immediamente cessar o processo, tecido pela intolerancia de pequeninos adversarios, e, vendo reflectido nas palavras do honrado politico o seu caracter inquebrantavel e puro, disse ser «o matuto mais intelligente que até então subira aquellas escadas».

No trato intimo, era o capitão Cruz Saldanha um homem dotado das mais selectas virtudes,—probidoso

e honrado na maior accepção destas palavras; espalhava o bem sobre todos os que se refugiavam sob a sua sombra, e no seio da familia, que o idolatrava, tinha um grande e acendrado culto.

Não havendo naquelles tempos medicos na sua villa natal, fez-se elle o medico do povo, soccorrendo a pobreza e servindo a todos que o buscavam, sem a menor retribuição. Esse facto concorreu sobremodo para sua popularidade.

Nasceu o capitão Cruz Saldanha em Canindé, a 17 de Janeiro de 1813; foram seus paes o licenciado em cirurgia José Joaquim da Cruz, portuguez, que veio para o Brazil como secretario do governo do Maranhão, e d. Maria do Nascimento Barbosa, filha do Commandante Simão Barbosa Cordeiro, fidalgo descendente de D. Fructuoso Barbosa.

Casou-se em 1833, com a exm.ª sr.ª d. Anna Quiteria da Cruz Saldanha, filha do capitão-mór Bento Ferreira Rabello.

Após uma longa vida de 63 annos no dia 26 de Junho de 1876, cercado dos carinhos de sua numerosa familia, cerrou elle os olhos á luz do dia, indo sua alma de justo comparecer perante o tribunal de Deus, a receber o premio das virtudes que sobre a terra espalhou.

Legou á sua próle um nome sem mácula—a maior riqueza que um homem póde deixar á sua descendencia.

Affirma um escriptor competente que os filhos são um prolongamento do pae; com relação aos descendentes do capitão Cruz Saldanha, cumpriu-se exactamente esse sentencioso axioma: José Cordeiro da Cruz substituiu-o na chefia do partido, honesto e honrado como o seu genitor; Antonio Cruz Saldanha, notavel homem politico dos tempos actuaes, cujo prestigio incontestavel fez fortissima opposição ao governo do Ceará, reviveu em selectas virtudes civicas a grande alma do illustre ancião; Monsenhor João Cruz Saldanha, virtuosissimo e notavel levita, cheio de serviços á causa da Religião e da Patria, fallecido no Rio de Janeiro em 1905; e, finalmente, outros rebentos desse tronco memoravel, os

quaes vão através dos tempos desdobrando-lhe a personalidade.

II

MAJOR SIMÃO BARBOSA CORDEIRO

Descendia de nobre estirpe esse outro vulto illustre do regimen decahido, que desempenhou saliente papel nos prelios politicos de seu tempo, vinculando seu nome á nossa historia e á posteridade.

Era filho do Tenente-general Simão Barbosa Cordeiro, descendente por linha materna de D. Fructuoso Barbosa Cordeiro, que serviu com muita honra nas guerras dos Hollandezes, entroncando na nobilissima familia Barbosa, que procede de D. Fructuoso Barbosa, fidalgo da Casa Real Portugueza e que foi governador da Parahyba no anno de 1579, nomeado pelo cardeal-rei D. Henrique.

O major Simão Barbosa Cordeiro occupou logar proeminente na politica da então provincia do Ceará, militando nas fileiras do partido liberal, do qual foi chefe de incontestavel prestigio nesta localidade cearense.

Nos primeiros tempos de sua vida residiu na capital do Estado, dedicando-se á carreira commercial, ramo de negocio em que se houve sempre com correcção, probidade e intelligencia ; deixando, porém, mais tarde a carreira abraçada, regressou á terra do seu berço, onde se dedicou á industria pastoril, tornando-se, em rapido lapso de tempo, um dos mais abastados fazendeiros do municipio.

Foi precisamente por esse tempo que empunhou o bordão de chefe do partido liberal, dirigindo-o com prudencia e tino extraordinario nesta localidade, não obstante a effervescencia de elementos de diversas ordens que perturbavam naquelles tempos a mechanica politica, sendo sempre ouvida a sua opinião pelos mais conspicuos chefes do Rio e de Fortaleza.

Nos attritos, nas luctas partidarias de então, quando um irreconciliavel preconceito ou um mal entendido capricho das facções politicas resvalava as questões para um terreno mais hostil, o major Simão Barbosa estava sempre e sempre no seu posto de honra, sem esmorecimentos, abraçado a bandeira do seu partido, dando combate ao adversario, com dedicação extrema pela causa que desposára.

A voz de genéral do grande partido, que chefiava, era ouvida em toda linha, estimulando e encorajando as hostes que se batiam na liça, e nunca uma só vez o seu animo firme e imperturbavel vacillou perante um problema de difficil solução: estudava, previa os factos, e com calma resolvia as difficuldades.

Uma critica imparcial, firme e sevéra de sua vida politica, ou melhor, da vida politica de seu tempo, sem esquecer este ou aquelle detalhe, intimamente ligados ás luctas dos dous partidos appostos de então —nos conduz á conclusão cabal de que o major Simão Barbosa foi um intransigente mas nunca um intolerante.

Homem forte, dotado de um genio inquebrantavel, sabia luctar com altivez, respeitando e acatando, porém, o caracter do adversario digno.

A nobreza do seu coração, a altivez que o caracterisou sempre, influenciadas certamente pela justa satisfação de descender de fina linhagem, que podemos chamar «Portugal-velho», como disse Thomaz Ribeiro, referindo-se a D. Martinho d'Aguillar, parece que foram a baliza que o guiou sempre na linha recta.

Duma austeridade superior, não tolerava os maus e os evitava; no intimo era duma generosidade sem limites.

Tendo, em 1879 mais ou menos, sido indicado o seu nome para commandante superior da Guarda Nacional da comarca, fez questão para ser substituido por outro.

No começo de nossa independencia, de pouca comprehensão dos movimentos sociaes e politicos que

agitavam o seio da sociedade, é mistér notar que o major Simão Barbosa era sempre um adepto enthusiasta das idéas novas, seguindo de perto as grandes evoluções do tempo, condemnando os prejuizos do passado.

E' que sua intelligencia era superior, e a razão lucida e elevada lhe permittia vêr as cousas e os factos através da opacidade dos espiritos de então.

Occupou diversos cargos publicos, tanto por eleição, como por nomeação, e se maiores não foram as distincções com que o governo da Monarchia o recompensou, a culpa cabe á sua modestia excessiva, sempre fazendo questão de não acceitar qualquer consideração que o tornasse alvo da vista publica.

Patriota dos mais distinctos, o major Simão Barbosa não foi indifferente ás luctas da Patria e relevantes serviços prestou nas revoluções de 1824 e 1832, e na guerra do Paraguay em 1865.

Pelo seu criterio, caracter, actos de generosidade, amor a honra e energia, formou-se em torno de seu nome uma atmosphera de veneração e respeito, em cujo circulo viveu sempre, até aos 88 annos de idade.

Nasceu esse illustre canindéense na fazenda São Pedro, aos 30 dias do mez de Agosto de 1799, sendo seus paes o tenente-general Simão Barbosa Cordeiro e D. Marianna Francisca de Paula Saraiva Bittencourt.

Casou em 5 de Junho de 1825 com D. Anna Mendes da Cruz Guimarães, filha do capitão-mór José Mendes da Cruz Guimarães, que era filho legitimo de Simão Mendes e sua mulher Rosa Mendes, naturaes de Guimarães, em Portugal.

José Mendes veiu para o Brazil com vinte e poucos annos de edade, em 1797 ; esteve em Pernambuco alguns mezes e seguiu para o Aracaty no mesmo anno. Casou em Novembro com D. Angelica Moreira, filha legitima de José Antonio Moreira. Os paes deste foram Amaro da Costa (portuguez) e sua mulher Josepha, filha de dous portuguezes—Pedro Serrão e Ma-

ria, que vieram para o Brazil, onde lhes nasceram os filhos.

O padre Antonio José Moreira, 1.º vigario geral do Ceará, era irmão de D. Angelica Moreira.

O major Simão Barbosa Cordeiro falleceu na fazenda «Serrote», deste municipio, a 3 de Maio de 1887.

De seu consorcio com D. Anna Mendes, teve os seguintes filhos: José Barbosa Cordeiro, Maria Barbosa Cordeiro (primeira esposa do conselheiro Vicente Alves de Paula Pessoa), dr. Joaquim Barbosa Cordeiro, medico distincto, formado nos Estados Unidos da America do Norte, onde se casou; Antonio Barbosa Cordeiro, dr. Francisco Barbosa Cordeiro, que desempenhou por muito tempo o cargo de Juiz de Direito em Canindé, fallecendo em 1902, e D. Anna Barbosa Cordeiro, que se casou com o conselheiro e Senador do Imperio Dr. Vicente Alves de Paula Pessoa, seu cunhado, cuja biographia foi publicada no *Album Imperial*, importante revista paulista, a 5 de Julho de 1907.

III

Monsenhor João Cruz Saldanha

E' de uma individualidade eminente, dum apostolo da caridade, nymbado de augustas virtudes, que vamos nos occupar agora. Monsenhor João Cruz Saldanha nasceu em Canindé, sendo seus genitores o Capitão Joaquim José da Cruz Saldanha e D. Anna Quiteria da Cruz Saldanha.

Nasceu o celebrado sacerdote a 12 de Julho de 1853. Aos dez annos de edade entrou para o *Atheneu Cearense*, de propriedade do notavel educador Manoel Theophilo da Costa Mendes, onde cursou humanidades. Em seguida, guiado pela sua pronunciada vocação, entrou para o Seminario Episcopal de Fortaleza, onde manifestou uma intelligencia fóra do vulgar, fazendo com distincção todo o curso theologico.

Desde o subdiaconato exerceu o logar de lente do

mencionado Seminario, deixando-o em 1877, quando fôram suspensas as aulas d'aquelle acreditado estabelecimento em consequencia da grande secca, que então devastou o Ceará.

No dia 6 de Janeiro de 1876 recebeu Monsenhor João Saldanha a sua ordenação, e celebrou a primeira missa no dia 2 de Fevereiro do mesmo anno na matriz de Canindé

Deixando um anno mais tarde a cadeira de lente, como ácima ficou dito, com o seu collega e amigo Monsenhor Bruno Rodrigues de Figueiredo, que exerceu a Vigararia geral da Diocese do Ceará, e é um dos mais bellos ornamentos do Clero Cearense, fundou um collegio em Fortaleza denominado *Instituto Cearense de Humanidades*.

No espinhoso cargo de director de um estabelecimento de educação, soube-se haver com tino administrativo e prudencia admiravel, dando ampla esphéra ás suas attribuições educacionaes e prestando relevantissimos serviços á mocidade cearense d'aquelle tempo.

São innumeros os cearenses illustres, bachareis, padres, medicos, engenheiros e commerciantes, que fôram seus discipulos, e guardam a sua memoria como uma reliquia sagrada.

Deixando esse estabelecimento sob a direcção, não menos sabia e criteriosa, de seu socio Monsenhor Bruno de Figueiredo, seguiu o illustre canindéense para o Rio de Janeiro em 1881, e ahi resolveu fixar a sua residencia, sendo logo collocado como lente no collegio de Monsenhor Amorim, que foi Vigario geral da Archidiocese do Rio de Janeiro, deixando ainda por sua vontade esse collegio, para exercer o cargo de coadjuctor da Freguezia do Sacramento, e depois de S. João Baptista, ambas no Rio de Janeiro.

Ahi foi surprehendido com a provisão de Vigario da Freguezia de S. Francisco Xavier do Engenho Velho, em 19 de Julho de 1885, posto em que esteve até 1890.

Encontrando essa freguezia fria em materia de religião, eil-o a pôr em acção os meios que julgou effi-

cazes, conseguindo fazer voltar o rebanho ao aprisco; ahi construiu a encantadora Gruta de Lourdes junto á matriz, com esmolas angaridas pelo seu zelo e ardor christão, e organizou aulas de cathecismo destinadas á infancia.

Tendo solicitado a sua exoneração do cargo de Vigario, esta lhe foi negada pelo Exmo. Rvm. Snr. Bispo de então, D. Pedro de Lacerda, de saudosissima memoria; mais logo, porém, conseguiu Monsenhor João Cruz Saldanha a exoneração pedida, em vista do seu estado de saude que não permettia a continuar á frente de todos os complexos mistéres de pastor.

A 4 de Janeiro de 1898 foi o notavel levita elevado á dignidade de Monsenhor, e nomeado pelo Arcebispo para Superior do Azylo do Bom Pastor, em 23 de Março de 1902.

Desde 1891 entregára-se Monsenhor João Cruz Saldanha á fundação e consequente desenvolvimento do *Azylo do Bom Pastor*, amparando assim os dezejos dos primeiros religiosos da «Casa de Nossa Senhora de Caridade de Angers», que chegaram ao Rio de Janeiro. Nesse apostolado sublime d'amor e caridade, Monsenhor Cruz Saldanha mostrou-se realmente como era: alma ampla e nobre, ninho dos sentimentos mais acrysolados e sãos, protector amante da indigencia e da miseria humilde. Abnegado e forte, trabalhou com afinco para tão util instituição. Com donativos, esmolas generosas, presentes d'alto valor, fundou o *Azylo* mencionado, funccionando a principio em um predio, que lhe cedeu o Visconde Duprat.

Nesse azylo provisorio esteve a Congregação de religiosas acima alludida por espaço de 3 annos, emquanto o eminente canindéense, fervoroso e firme, com o auxilio dos religiosos, trabalhava para a edificação do Mosteiro em que deveriam definitivamente se estabelecer, e que hoje se ergue no sitio denominado *Fabrica das Chitas*, visinho ás nascentes do riacho *Tra-*

picheiro, em um placido retiro, longe do bulicio da cidade, evocando na sua estructura solida e veneravel a memoria veneravel e augusta de Monsenhor Cruz Saldanha.

Quando trabalhava elle com acendrado amôr e extrema dedicação nessa obra de caridade, em 1893, rebentou a revolta de 6 de Setembro,—tristissima pagina de nossa historia republicana,—que convulsionou a sociedade fluminense, trazendo em consequencia essa confusão tão natural em momentos identicos, quando a ordem e estabilidade da lei são desrespeitadas. Injustiças clamorosas, atrocidades pungentes eram praticadas nessa luta tremenda; o sangue corria na praça publica e a malfadada republica passava por uma crise terrivel, perdendo a noção do bem e falando pela garganta perra do canhão! Foi precisamente nessa situação desoladora que chegou a Monsenhor Cruz Saldanha a sua vez de martyr, sendo preso e conduzido como *revoltoso* ao carcere, onde permaneceu 6 longos mezes.

Esse facto tristissimo teve logar a 1 de Maio de 1894.

Recolhido á prisão, incommunicavel, suspeito de *monarchista*, a sua coragem e a sua dignidade jámais se entibiaram nesses lances de soffrimentos crueis; seu physico, porém, resentiu-se, e quando a sua innocencia foi reconhecida, já tinha elle contrahido o germen da molestia que o levou ao tumulo.

Na prisão, o notavel Sacerdote soube soffrer com a maxima resignação o despotismo do temeroso Marechal de Ferro, segregado da sociedade, distante da familia que, afflicta, ignorava o destino do ente querido, a quem a porta ferrea de uma masmorra vedava toda communicação com os seus.

Dentre os exiguos limites do carcere ouvia elle, pelas horas mortas, como a voz cavernosa e tragica do absolutismo republicano, o troar tremebundo dos krups e o rodar sinistro dos carros conduzindo infelizes que, como elle, vinham ser lançados ás trevas das masmorras, para depois serem retirados para o massacre a ti-

ros de fuzil!... Almas piedosas, affeições dedicadas, só a muito custo podiam communicar com o illustre prisioneiro, suavisando-lhe o martyrio com palavras de carinho e esperança, e enviando-lhe algum alimento menos aspero que o pão duro dos encarcerados.

Um empregado da prisão, que conhecia e estimava o notavel Levita, favoreceu-o d'alguma forma nessas circumstancias terriveis.

Por seu intermedio pôde Monsenhor Cruz Saldanha enviar á sua estremecida mãe um pequeno chromo religioso, representando o calix do sacrificio, no qual escreveu as seguintes syntheticas e eloquentissimas palavras: «Este calix symbolisa o calix de provações por que estou eu passando. Guarde-o no seu livro de Missas, para sempre lembrar-se de orar por seu filho ausente e amigo dedicado».

Alfim, no dia 12 de Agosto do mesmo anno de 1894, raiou o sol da liberdade para a illustre victima do despotismo. Posto em liberdade, continuou o fervoroso apostolo da caridade a sua humanitaria obra, com a mesma somma de esforço e dedicações. Sentindo mais tarde, porém, que o mal que lhe deram as angustias da prisão ia-lhe encurtando pouco a pouco a existencia, teve a feliz lembrança de se fazer substituir na construcção da mesma obra por uma associação de senhoras caridosas da mais alta sociedade fluminense, associação essa que se acha na actualidade perfeitamente organizada sob o nome de *Associação Protectora do Bom Pastor*, a qual tem sido, é e será a continuadora da sua extraordinaria obra.

Na manhã do dia 30 de Novembro de 1904 alou-se ás regiões celestes a alma illuminada de Monsenhor João Cruz Saldanha.

Não só no campo religioso e social deixou o illustre sacerdote grande copia de exemplos; no lar domestico, vimol-o sempre solicito a todos os appellos da familia, constituindo-se arrimo forte e seguro de sua mãe e de suas irmãs.

Quando sentiu as azas fatidicas do anjo da morte

pairarem sobre a sua vida, chamou a irmã Superiora do Azylo, entregando-lhe em seguida o annel de Monsenhor, o qual desejava fosse remettido a seu dignissimo irmão e dedicado amigo Coronel Antonio Cruz Saldanha. O sahimento de Monsenhor Cruz Saldanha attesta com muita eloquencia a admiração, o affecto, a veneração que todos lhe consagravam; houve em torno do esquife em que descansava o seu corpo uma verdadeira romaria da sociedade Fluminense.

O Clero Cearense perdeu, perdendo-o, um dos seus membros mais egregios e a familia, a sociedade, a patria, emfim, uma columna firme, alicercada pelos mais nobres sentimentos e pela mais abnegada dedicação á causa dos pobres.

A nossa penna é, por certo, fraca para traçar uma biographia completa do egregio sacerdote canindéense, que pode figurar gloriosamente, e sem deslustre, entre os grandes imitadores de D. Bosco; deixamos, portanto, apenas um resumido esboço de sua biographia, que outro poderá traçar com maior perfeição.

IV

Padre Joaquim Cordeiro da Rocha

Vamos occupar-nos hoje de um sacerdote dos mais distinctos do clero cearense.

Ha homens que, na sua peregrinação sobre a terra, deixam após si rastilhos tão luminosos que fórmam a claridade perpétua onde ha de erigir-se a sua pessôa na memoria de uma geração inteira.

Foi o que se deu com o Padre Joaquim Cordeiro da Rocha.

No dia 19 de Fevereiro de 1815 nasceu elle nesta cidade, sendo seus progenitores o Coronel Ajudante de Campo José Joaquim da Rocha e D. Izabel Barbosa Cordeiro, esta filha do Tenente-General Simão Barbosa Cordeiro, que foi Commandante da Ribeira

de Canindé, em 1812, filho do Capitão Francisco Simões Tinoco, que foi Director da 5.ª villa da Capitania do Ceará, Monte Mór-o-Novo da America, hoje cidade de Baturité, e aquelle filho do capitão de Ordenanças de igual nome, irmão do Padre Manoel Antonio da Rocha, Visitador da então capitania do Ceará, que com este viera de Pernambuco para o Ceará, casando-se aqui com D. Maria da Resurreição, filha do Coronel Ajudante de Campo Bento Pereira Vianna.

Pela linha paterna entronca o nosso biographado em distinctas e nobres familias de Pernambuco,—Cavalcanti, Souza Leão e Nunes Machado, glorioso caudilho do movimento revolucionario de 1817; pela linha materna entronca em D. Fructuoso Barboza, fidalgo da Casa Real Portugueza, filho de D. Antonio Barboza, como consta de sua filiação, o qual veio para o Brazil como governador da Parahyba, no anno do 1579, nomeado pelo Cardeal Rei D. Henrique, e, segundo João Brigido, tambem entronca na familia Cunha Pereira, cujos troncos principaes são o Coronel Antonio da Cunha Pereira e sua mulher Paula de Souza Cavalcante, que pelo seculo XVII se estabeleceram em Jaguaribe, no logar *Boqueirão*.

O Padre Joaquim C. da Rocha, como se vê, descendia de uma nobre jerarchia, cuja tradição soube sempre pôr em alto relevo, nunca desmentindo a nobreza de tão illustres troncos.

Não sabemos em que anno entrou no Seminario de Olinda, onde recebeu a tonsura no dia 7 de Novembro de 1840 e na mesma data as quatro ordens menores.

A 8 de Novembro do mesmo anno recebeu o subdiaconato e o presbyterato a 29 do mesmo mez e do mesmo anno, sendo ordenado pelo Exmo. Revmo. Snr. Bispo de Pernambuco, D. João da Purificação Marques Perdigão.

Sua primeira missa foi celebrada na Matriz de Canindé, a 19 de Março de 1841.

No Seminario de Olinda revelou o Padre Joaquim Rocha elevados dons de intelligencia e sentimentos

nobres, passando entre os seus collegas por um dos mais zelosos e de vocação mais accentuada para o sacerdocio.

Genio sempre acanhado e modesto, occultava em discreta penumbra as irradiações da sua intelligencia disciplinada pelo estudo acurado, fazendo assim um tirocinio brilhante, como o demonstram as notas distinctas que obteve nas materias do curso.

Depois da sua ordenação, veiu residir na terra do seu berço, sendo em seguida convidado por distinctos cavalheiros de Tamboril para alli exercer o cargo de Capellão, ahi estando cerca de tres annos.

Pela cordura de seu trato, nobreza do seu proceder e rigidez de caracter alliadas aos mais edificantes rasgos de philanthropia, angariou naquella localidade muita estima e acendrada veneração popular. Em 13 de Novembro de 1866 foi nomeado vigario interino de Canindé, sendo-lhe offerecido o cargo effectivo, que, não obstante as instancias do Exmo. Revdm. Snr. Bispo de então, não acceitou.

O Revdm. Padre Manoel Thomáz Rodrigues Campello deu-lhe um attestado mui honroso, no qual diz ser o Padre Joaquim de uma conducta irreprehensivel, tanto moral como civil.

O Padre Joaquim C. da Rocha foi um dos caninDéenses que mais se distinguiram, prestando relevantes serviços, já de ordem material, já de ordem espiritual, á terra do seu berço.

Como politico, militou nas fileiras do Partido Conservador, do qual foi um dos mais populares e prestimosos chefes de seu tempo, sendo distinguido como tal pelo illustre Dr. Manoel Fernandes Vieira, chefe de grande prestigio na capital da provincia.

Com a scisão do Partido Conservador em 1870, formaram-se dous grupos : um denominado *graúdo* e o outro *miúdo*. O Padre Joaquim ficou nos arraiaes dos *graúdos*, que eram chefiados pelo Barão de Ibiapaba, e nesse pôsto deu combate ao adversario nos pleitos eleitoraes, contando sempre victoria, pois em torno do seu

nome tornado popularissimo grande parte do povo de Canindé se uniticava numa só communhão de idéas.

Altivo, austéro, estavel nos seus principios, foi o Padre Joaquim e prototypo, a encarnação viva da honradez, em immediata correspondencia com o caracter humanitario das suas acções, pois a todos estendia a sua generosidade.

Muitas vezes, abriu sua bolsa a fim de contribuir generosamente para a educação de moços, seus patricios, auxiliando-os nas despezas com estudos em acreditados estabelecimentos de instrucção; outras vezes, offerecendo sommas sem nenhum ágio a parentes e a rapazes de bôa conducta para iniciarem carreira na vida.

Nos campos extremados da politica, da politica de então, teve alguns desaffectos, não tendo passado incolume atravéz da injustiça dos homens.

No emtanto, o chefe do partido contrario lhe fazia justiça, não lhe negando os meritos, pois era elle um outro chefe do maior criterio e por isso sabia render justiça ao adversario, não sendo responsavel pela injustiça dos seus adeptos.

Como um glorioso remate a tantos predicados excellentes, foi o Padre Joaquim Cordeiro da Rocha um dos mais virtuosos sacerdotes do seu tempo, e mereceu, por isso mesmo, do Exm. Rvm. Snr. D. Luiz Antonio dos Santos, 1.º Bispo do Ceará, de inolvidavel memoria, todas as attenções e intima amizade.

Quando, em 1869, foi aquelle venerando Prelado á Europa, em busca de remedios á sua saúde alterada, veio S. Exc. Revma. encontrar no Padre Joaquim o homem digno de confiança a quem confiou o Palacio Episcopal do Ceará, no qual ficou elle até o seu regresso, em 1870.

A respeito da intransigencia nos seus principios, vem a pêllo relembrarmos aqui o facto de ter o seu partido apresentado uma chapa para deputados geraes, na qual figuravam nomes de cearenses illustres, havendo entre estes alguns reconhecidamente *maçons*.

O Padre Joaquim, agindo de accordo com o seu criterio e com a sua crença, impugnou alguns dos can-

didatos, não se submettendo á imposição do chefe do partido.

Na intimidade do lar, era o Padre Joaquim um verdadeiro santo, affavel, bom, cheio de uma *verve* fina e subtil, com que sabia alvejar aquellas cousas que de qualquer fórma lhe desagradavam ou não se achavam de accordo com o seu modo de pensar.

Como amigo, era generoso, inexcedivel na sua lealdade, capaz de se sacrificar por um amigo, sem medir as consequencias do seu proceder, uma vez que este não ultrapassasse a orbita que se tinha imposto na orientação da sua conducta moral.

Já nos ultimos tempos da sua edificante existencia, tendo perdido e fortuna de que fôra possuidor, ainda era patente o seu grande prestigio, sendo seu nome venerado pela massa popular.

No ultimo quartel da vida, foi accommettido de cegueira, e mais logo de paralysia, sendo que esta o fez jazer 10 longos annos no leito, preso a terriveis soffrimentos, fóra do convivio social, alheiado do mundo, mas resignado e sublime de paciencia.

Nunca seus labios tiveram palavras de queixas; no recolhimento, na oração ungida de fé de verdadeiro christão, passou aquelles dez annos de martyrio, cuja corôa lhe aureolava a fronte encanecida e augusta.

A 6 de Maio de 1905, na adiantada edade de 90 annos, findou-se a sua existencia, alando-se a sua alma angelica á mansão dos justos, abrindo-se assim, para as suas pupillas até então cerradas, a inextinguivel, perpetua luz da verdade suprema.

Seu sahimento foi uma verdadeira procissão, talvez o mais concorrido que já houve nesta cidade.

A inhumação do seu cadaver foi feita na capella do cemiterio de S. Miguel.

Como sacerdote, como cidadão, como amigo, o Padre Joaquim C. da Rocha deixou os mais edificantes exemplos, honrando, assim, o clero a que pertencia, a patria e a familia.

AUGUSTO ROCHA.